

No limiar de uma existência, “meias confissões” despretensiosas

Olívia Aparecida Silva
(UFT)

Cora Coralina, poetisa goiana, apesar de iniciar seus primeiros escritos aos 14 anos, publica seu primeiro livro aos 76 anos, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, em 1965. Acumulou experiências e as recriou em poesia e em prosa. Trata-se de imagens da infância, da adolescência perdida em um entrelaçar de emoções passadas e presentes no ato de lembrar. Percorre os caminhos sinuosos da memória, desafiando o tempo e descortinando vivências encobertas pelas névoas do tempo. Em entrevistas ela comenta: “Leia meus poemas com atenção que neles você vai me conhecer; minha vida toda está lá.”¹ Outras vezes, declara: “Ninguém revela tudo, minha filha. Algumas coisas a gente guarda. Só posso fazer meias confissões.”²

Em *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*, Cora Coralina instaura um processo criativo, cuja modalidade é autobiográfica, que se inicia desde seu título, ainda reforçada em suas primeiras páginas. Em “Este livro, meias confissões de Aninha”; informa as condições de sua criação. “Tumultuado, como foi a vida daquela que o escreveu. / (...) Alguma coisa, coisas que me entulhavam, me engasgavam/ e precisavam sair.// Este livro foi escrito no tarde da vida, /procurei recriar e poetizar. Caminhos ásperos/ de uma dura caminhada.”³

Ele constituiu-se a partir da necessidade do sujeito real extravasar emoções acumuladas no decorrer de uma travessia existencial para um eu - poético. Ainda há uma vontade íntima em recriar experiências passadas que terão como conseqüências despertar no leitor a sensação de também tê-las vivido, ou seja, um mundo próprio que se julga semelhante a outros mundos. “De uma estou certa, muitas dirão: estas coisas também se passaram comigo.”⁴ Desta forma, é uma escrita que se propõe a diversas disposições e também é vazada pela subjetividade própria do discurso poético.

A poética coralineana não se faz da mera transposição de um espaço real para o espaço poético. É uma expressão artística cuja composição articula memória / autobiografia / história / geografia e poesia. Oswaldino Marques comenta o recurso empregado. “A resina aromática da poesia neutraliza o mofo dos sarcófagos do passado e suscita a sua ressurreição graças ao sortilégio da palavra balsâmica”⁵

Quanta coisa foi dita e não dita, muito mais se encontra nas entrelinhas de uma poética em que se ressalta a simplicidade e uma nova forma de fazer poesia. Sua criação poética toma proporções que não podem ser desveladas de forma definitiva. T.S. Eliot sugere, “há em toda a poesia de excelência, algo que tem que permanecer sem resposta por mais complexo que seja nosso conhecimento do poeta.”⁶

Entre o murmurejar do rio Vermelho, o escorrer silencioso da água contínua e cristalina que cai da biquinha, localizada embaixo da casa, no porão da Casa Velha da Ponte e que ninguém sabe ao certo de onde vem, dizem que é um pequeno fio de água que passa por baixo da igreja do Rosário. O fogão à lenha com seus tachos de cobres cheios de frutas para o preparo dos doces cristalizados e uma solidão povoada de lembranças de um passado e de um presente que se torna passado, surgem às imagens que são elementos constitutivos de sua poética. Entre a água e o fogo são reveladas, artisticamente, suas meias verdades que talvez expressem mais que a verdade.

A linguagem é (...) mais poderosa como experiência das coisas do que a experiência das coisas. Os signos são experiências mais potentes do que tudo o mais e, por isso, quando se lida com as coisas que realmente importam, então se lida com palavras. Elas têm uma realidade que excede, em muito, as coisas a que designam.⁷

Ela se intitula contadora de estórias, *sem h, minha menina, apenas e sempre a estória do cotidiano – verdades e mentiras*.⁸ Sob o olhar que parece ser de uma estrangeira, mas é o de busca do reconhecimento, que Aninha/Cora Coralina dá início ao transitar em dois tempos: o passado recuperado pela memória; e o presente, em que repousa seu olhar a sua volta e ainda aguça os outros sentidos - a audição, tato, olfato e paladar.

*Que procura você, Aninha?
Que força a fez despedaçar correntes de afetos
e trazê-la de volta às pedras lapidares do passado?*⁹

Depois de ter passado 45 anos ausente de sua terra natal, é sob as ruínas de um tempo passado e de um presente que se erguem e florescem a poética coralínea, pois *a natureza em que se imprime a imagem do fluxo histórico é a natureza decaída*¹⁰.

No poema “Minha Vida”¹¹, ela anuncia como foi seu nascimento. Assim tudo começou, ou melhor, em 1889, aos 20 de agosto, quando nasceu Ana Lins dos Guimarães Peixoto.

*Num ano longínquo, numa cidade distante,
num dia incerto de um mês aziago,
nascia uma criança.
O Destino que presidia o evento,
Ouvindo o primeiro vagido,
Clamor de vida,
moveu-se invisível e depôs sua dádiva na cabeça da criança,
simbolizada numa chama viva e num punhado de cinza.*

Inicia o poema, velado de ironia, como se estivesse preste a narrar um conto de fadas, entre o vago e a certeza, a predição do fado, pressagiado pelo mau-agouro. O primeiro grito de vinda ao mundo é o anúncio esperado para que o tribunal promova o julgamento de sua sorte. O Destino, personificado, atribui e promulga sua sentença, em que se faz presente a vida e a morte: fogo e cinza. Seus caminhos estão traçados e marcados por duas forças naturais e antagônicas: chama viva e destruição refinada, diluída e pulverizada.¹²

Apesar do título do poema apresentar o possessivo “minha vida”, nas três primeiras estrofes há um distanciamento do “eu”, referindo-se ao nascimento “da criança”, e à etapa posterior, “da adolescente”, indicando a possibilidade de não estar contaminado pela subjetividade. Apenas na quarta e última estrofe ela se assume como enunciação novamente, já então anciã.

*Tantos anos decorridos ...
(...)
Chama viva. Cinza morta ...
Minha vida. O símbolo do meu destino.*

O “punhado de cinza”, em forma de epífora, surge acompanhado de duas formas verbais, indicando uma temporalidade, a pretérita e a presente, confirmando, ao longo

da existência, a força da sentença transcendental: lei dita, fado cumprido. Como uma das categorias do trágico, o fado indica sofrimento e uma existência com suas linhas traçadas e não há como fugir ao já estabelecido.

Em *Becos de Goiás* está o poema “Minha infância”, em que se encontram aspectos de sua infância que confirmam sua sina. Entre as filhas de sua mãe foi a que menos atenção recebeu. O tom de queixume sobressai na voz lírica, Aninha é despida dos adornos de mimos de beleza. Dois meses depois de seu nascimento o pai falecera.

*Éramos quatro as filhas de minha mãe.
Entre elas ocupei sempre o pior lugar.
Duas me precederam – eram lindas, mimadas.
Devia ser a última, no entanto,
veio outra que ficou sendo a caçula.*

*Quando nasci, meu velho Pai agonizava,
Logo após morria.
Cresci filha sem pai,
Secundária na turma das irmãs.*

*Eu era triste, nervosa e feia.
Amarela, de rosto empalamado.
De pernas moles, caindo à toa.
Os que assim me viam – diziam:
“- Essa menina é o retrato vivo
do velho pai doente”.¹³*

A doença e a morte paterna são fatos presentes durante toda a vida de Aninha. No fragmento do poema acima, intitulado “Minha infância” consta como subtítulo entre parênteses (Freudiana), Cora deixa explícito a justificação de suas lembranças amargas como recalques, via a teoria psicanalítica freudiana, que a acompanham por toda travessia existencial. Os primeiros anos de vida são pontuados pelo negativo. Ser comparada a imagem do pai agonizante é possibilitar à família reviver lembranças que precisavam ser esquecidas e que sua figura não permite pela semelhança que representa. A ela é atribuída uma culpa sem merecimento: seu aspecto físico possibilita a aproximação de si ao pai agonizante. O amarelo significa a palidez reafirmada pelo adjetivo “empalamado”. A vida se prende em um fio tênue. As “pernas moles” não permitem um caminhar seguro, mas vacilante.

*Tinha as pernas moles
E os joelhos sempre machucados,
Feridos, esfolados.
De tanto que caía.
Caía à toa.
Caía nos degraus.
Caía no lajedo do terreiro.
Chorava, importunava.
De dentro a casa comandava:
“- Levanta, moleirona”¹⁴.*

Entre os clamores solitários da infância, a espera dos cuidados maternos, ecoa no tempo da memória, metonimicamente à voz interior e imperiosa da casa. A fragilidade física não a impede de persistir no caminhar. Das experiências mal sucedidas ficam as marcas que desaparecem da pele juvenil e revelam-se na alma adulta. Incapaz de repetir

os atributivos, a ela designados, sobressai à voz em discurso direto: “- *Levanta, pandorga*”; “- *Levanta, perna-mole ...*”; “- *Menina inzoneira!*”; “- *Esta filha de minha sobrinha é idiota. Melhor fora não ter nascido!*”. Há certas palavras que se perdem no tempo, outras se conservam como espinhos e são sempre pontos doloridos entre os sentimentos mais íntimos.

Gaston Bachelard em seu estudo sobre os devaneios voltados para a infância comenta que as “solidões primeiras, essas solidões de criança, deixam em certas almas marcas indeléveis.” “A infância conhece a infelicidade pelos homens.”¹⁵ A amargura dos adultos é assimilada pela pequena Aninha que se fecha e se guarda em um mundo de pequenas grandes solidões e de ausência de carinhos. *E a moleirona, pandorga, perna-mole Se levantava com seu próprio esforço*¹⁶

Fins do século XIX e início do século XX, a criação é severa, tudo era proibido: *Contenção...motivação...Comportamento estreito,/ limitando, estreitando exuberâncias, pisando sensibilidades*. Nem ao tempo é possível apagar as cicatrizes deixadas pelos desejos esmagados. Os momentos lúdicos de criança são acompanhados pela melancolia e por sentimentos de rejeição. Neles a imaginação mescla-se à realidade e a suaviza.

*Meus brinquedos ...
Coquilhos de palmeira.
Bonecas de pano.
Caquinhos de louça.
Cavalinhos de forquilha.
Viagens infindáveis...
Meu mundo imaginário
Mesclado à realidade*¹⁷

Sozinha, entre arremedos de brinquedos, passa a freqüentar outros mundos. “E é assim que nas suas solidões, desde que se torna dona de seus devaneios, a criança conhece a ventura de sonhar, que será mais tarde a ventura dos poetas.”¹⁸ Desta forma, será a Aninha da infância; na falta de um mundo concreto que inspire confiança e afetos; articula o mundo dos devaneios, e esses serão mais tardes revividos em forma poética; não mais por Aninha, mas por Cora Coralina, a poetisa. Ainda recorrendo a Bachelard, a diferença entre o passado vivido e o lembrado: (...)o passado não é estável, ele não acode à memória nem com os mesmos traços, nem com a mesma luz. Apenas se vê apanhado numa rede de valores humanos, nos valores da intimidade de um ser que não esquece, o passado aparece na dupla potência do espírito que se lembra e da alma que se alimenta de sua fidelidade. A alma e o espírito não têm a mesma memória.¹⁹

Entre os cacos de brinquedos sobressaem-se os cacos das lembranças da anciã. Ela procura remontá-los, transformando-os em um mosaico, encaixando aqui, ali e acolá, até estruturar, em formas desenhadas de vaivém, uma história de vida, Obedecendo a não linearidade das imagens e dando vazão à renitência de determinadas cenas.

A consciência da finitude da vida parece ser um estímulo para revigorar o passado. É fazer da vida um círculo, atando o princípio ao declinar que se aproxima: “nossa infância espera muito tempo antes de ser reintegrada na nossa existência. Essa reintegração, sem dúvida, só se realiza na última metade da vida, quando descemos à outra encosta da montanha.”²⁰

É um tempo de recuperar o passado e ainda de buscar, através de um processo catártico, expulsar os recalques guardados e sufocados por longos anos. No

distanciamento do tempo, as emoções já estão lapidadas e não possuem mais a força tempestuosa da mocidade: é uma lamentação em sons longínquos.

*E a casa me cortava: - Menina inzoneira!”
Companhia indesejável – sempre pronta
a sair com minhas irmãs,
era de ver as arrelias
e as tramas que faziam
para saírem juntas
e me deixarem sozinha,
sempre em casa.*

*A rua ... a rua ! ...
(Atração lúdica, anseio vivo da criança,
mundo sugestivo de maravilhosas descobertas)
- proibida às meninas do meu tempo.
Rígidos preconceitos familiares,
normas abusivas de educação
- emparedavam.*

*A rua. A ponte. Gente que passava,
O rio mesmo, correndo debaixo da janela
eu via por um vidro quebrado, da vidraça
empanada.²¹*

O olhar de desejo da pequena Aninha em admirar o externo entrecruza com o olhar interno da anciã em busca de seu passado. A voz lírica está pontuada por dois tons na primeira estrofe acima: um, expresso metonimicamente pela casa, cortante, incisivo e dolorido para quem o escuta, mesmo em recordação; o outro, demarcado pelo ressentimento de uma menina ludibriada pelas irmãs mais velhas. Quando é utilizado “era de ver as arrelias”, assume um tom narrativo bem prosaico de contar travessuras, coisa de crianças, tumultos infantis, sem grandes conseqüências, perpassa até certo jeitinho de gracejo e finaliza em tom de descontentamento: “sempre sozinha!”.

Na estrofe a seguir há uma outra conotação. A utilização das reticências tem por finalidade uma suspensão temporária daquilo que se diz, destinada à imaginação daquele que fala, daquele que lê. A temporalidade poética parece infinita, mas é interrompida pelo comentário explicativo e, depois, pelo emprego do discurso direto, criticando o recato excessivo a que eram submetidas às meninas. Os costumes da época são comparados a um confinamento doméstico. A rua é o símbolo de todos os anseios de contato com o mundo que se apresenta lá fora. É dispor de uma liberdade provisória, longe dos olhos. A rua e o rio são observados da janela com vidro quebrado por um olhar que busca uma intimidade não permitida.

Nas dezoito estrofes de que se compõe o poema, ressalta-se a fragilidade física de Aninha, em cuja aparência sobressai à falta de cuidados maternos.

“Menina mal amada” é um longo poema narrativo, em tom coloquial, que se mescla em desabafo e confissão. Nesse poema a memória biográfica explícita, com uma intensidade quase naturalista, os conflitos de convivência familiar.

*Fui levada à escola mal completados cinco anos.
Eu era medrosa e nervosa. Chorona, feia, de nenhum agrado,
menina abobada, rejeitada.
Ao nascer frustrei as esperanças de minha mãe.
Ela já tinha duas filhas, do primeiro e do segundo casamento*

*com meu Pai.
Decorreu sua gestação com a doença irreversível de Meu Pai,
desenganado pelos médicos.
Era justo seu desejo de um filho homem
e essa contradição da minha presença se fez sentir agravada
com a figura molenga, fontinelas abertas em todo crânio.
Retrato vivo do velho doente, diziam todos.
Me achei sozinha na vida. Desamada, indesejada desde sempre.
Venci vagarosamente o desamor, a decepção de minha mãe.
Valeu e muito minha madrinha de carregar – Mãe Didi.
Minha vida ao me arrastar pelo chão depois de vários trambolhões
na escada, galo na testa, gritaria e algumas palmadas, da bica d'água
passava para a cozinha em volta da Lizarda, criada da casa, como se dizia.
Cozinheira, dona dos torresmos que ela me dava e que me causavam
constantes diarréias e vômitos. Enquanto ia crescendo, lá pelo terreiro,
suja, desnuda, sem carinho e descuidada, sempre aos trambolhões
com minhas pernas moles.
Ganhei até mesmo um apelido entre outros, perna mole, pandorga,
chorona, manhosa.²²*

Alicerçada pela memória familiar, a memória biográfica vai projetando quadros da infância que se desdobram em outras fases da vida: a adolescência, a juventude e a velhice. A natureza discursiva, ora descritiva, ora narrativa, denota um mundo tencionado por desejos irrealizados e frustrações. A relação do “eu” com o mundo principia-se por desfazer expectativas: “Não veio homem, veio mulher e sem atributos de beleza, e ainda reflete tudo o que não se quer lembrar: doença e morte.”

*Sempre sozinha, crescendo devagar, menina inzoneira, buliçosa, malina.
Escola difícil. Dificuldade de aprender.
Fui vencendo. Afinal menina moça, depois adolescente,
meus pruridos literários, os primeiros escritinhos, sempre rejeitada.
Não, ela não. Menina atrasada da escola da mestra Silvina...
Alguém escreve para ela... Luís do Couto, o primo.
Assim fui negada, pedrinha rejeitada, até a saída de Luís do Couto
para São José do Duro, muito longe, divisa com a Bahia.
Ele nomeado, Juiz de direito.
Vamos ver, agora, como faz a Coralina...
Nesse tempo, já não era inzoneira. Recebi denominação maior,
alto lá! Francesa.
Passei a ser détraqué, devo dizer, isto na família.
A família limitava. Jamais um pequeno estímulo.
Somente minha bisavó e tia Nhorita.
Vou contando.²³*

Na cena da história de vida há um processo gradativo. O emprego do advérbio possibilita um eco, cujo som se estende por toda a existência: no passado, no presente e no futuro. Ao mesmo tempo ele se restringe, se limita e há uma intencionalidade que se apresenta e se esconde. O ritmo sonoro se eleva e se abaixa. O gerúndio permite uma sensação em que o significante e significado se completam, mas o advérbio surge em sentido inibidor decrescente. Os adjetivos são ríspidos, cortantes e rasgam o silêncio dos anos e as palavras vão saindo, jorrando, amargas como fel: “Vou contando”.

Quando se evidencia elemento que indica superação de etapas de vida, em seguida há situações de desvalorização, descrédito, incapacidade e negação. A travessia existencial é solitária, raras são as pessoas que inspiram confiança para o compartilhar.

As imagens se apresentam em idas e vindas, respeitando as oscilações do pensamento. A resistência de determinadas cenas, que vão e voltam, está em conformidade com o incômodo que suscita. A escrita demonstra obedecer aos esquemas mentais. Há quebra da linearidade e os pensamentos parecem seguir uma ordem livre de ir e vir.

*Tudo isso aumentava minha solidão e eu me fechava, circunscrita
no meu mundo de faz de conta ...
E vamos trabalhar no pesado. Não ganhar pecha de moça romântica,
que em Goiás não achava casamento.
Tinha medo de ficar moça velha sem casar.
Me apegava demais com Santo Antônio, Santa Anna, padroeira de Goiás.
Minha madrinha para as dificuldades da vida.²⁴*

Entre as tensões da infância, causadas pelo sentimento de abandono e rejeição, são introduzidas, em discurso direto, uma ordem e uma premonição, não mais para a criança, mas para a moça casadoira que se aflige com a possibilidade de não encontrar casamento por dispor de sensibilidade para o sonho e para a ilusão.

A importância da finitude do ciclo da vida está em poder olhar para trás e deixar que as cenas cotidianas de um mundo passado sirvam como sinônimo de aprendizagem. Sem demarcar a temporalidade enunciativa, o eu-lírico passa a emitir juízos de valores para o possível leitor.

*Se souberes viver, no fim sentirás feliz.
Envelhecer é entrar no reino da grande Paz.
Serenidade maior.
Olhar para frente e para trás,
E dizer: dever cumprido.*

*O que mais se pode na vida desejar?...
Sentada na margem do caminho percorrido,
Ver os que passam, ansiosos, correndo, tropeçando.
E dizer baixinho:
Corri tanto quanto você.
E você se quedará, um dia, como eu.*

*A certeza de ter vivido e vencido
A maratona da vida.²⁵*

Nessa parte do poema, o eu-lírico, que até então relembra momentos íntimos, deixando irromper sentimentos inspirados por ciclos diferentes da vida, passa a olhar o externo, manifestando definições e seu apreço à velhice. A estruturação do poema também muda, as imagens são mais condensadas, de caráter metafórico. A velhice obedece a uma condição objetiva: seu futuro está intrinsecamente ligado a seu passado. A plenitude existencial firma-se na finitude de uma vida em que correr e tropeçar são sinônimos de uma batalha vencida. A revelação da vida se manifesta na revelação da morte.

Nas estrofes seguintes, o poema apresenta uma divisão interna e tem como subtítulo, “No Passado”. Essa parte se destina a ressaltar um mundo de faltas e desejos não realizados da pequena Aninha. Os castigos cruéis, humilhações, desprezo por parte das irmãs, é nessa atmosfera pesada que flui o sentimento masoquista de ficar repisando dores passadas. Cada vez mais solitária a menina se sente motivada a viver no mundo

do sonho e da fantasia, a suprir lacunas não preenchidas. Enquanto na primeira parte há o trânsito entre a infância, a adolescência e a velhice, na última dedica-se apenas a infância, acrescentando pequenas cenas ainda não descritas.

No aspecto formal, há presença de anáforas e recorrências que, na aparente desordem de cada estrofe, refazem cenas, obedecendo à lógica das imagens resgatadas. O ritmo do poema se torna mais acelerado, pela introdução de discurso direto em algumas estrofes. A linguagem se deixa levar não mais por aquele lastimar sofrido e lacrimajante, mas por um ressentimento mais forte e irônico.

*Mãe vinha, ralhava forte.
Não queria que eu fosse para o quintal, passava a chave no portão.
Tinha medo, fosse uns ramos da loucura, sendo eu filha de velho doente.
Era esse tempo, amarela, de olhos empapuçados, lábios descorados.
Tinha boqueira, uma esfoliação entre os dedos das mãos, diziam: “Cieiro”
Minhas irmãs tinham medo que pegasse nelas.
Não me deixavam participar de seus brinquedos.
Aparecia na casa menina de fora, minha irmã mais velha passava o braço no ombro e
[segredava:]
“Não brinca com Aninha não. Ela tem Cieiro
e pega na gente”.
Eu ia atrás, batida, enxotada.
Infância... Daí meu repúdio invencível à palavra saudade, infância...
Infância... Hoje, será.²⁶*

O motivo condutor do processo de rejeição concentra-se na herança da doença e morte paterna. Aninha se faz imagem e semelhança paterna. Sua aparência é destituída da imagem de pureza de beleza, adereços próprios que a infância reserva a todos. Ao descrever seu aspecto físico de quando era criança, observa-se um acentuado tom naturalista. Seu nascimento sob o signo da doença e da morte vem como uma forma punitiva e não benfazeja de esperança de uma vida que se esvai e a outra que fica: “Melhor seria não ter nascido”. É interessante observar que, em quase todos os poemas de Cora Coralina, os quais se referem à infância, estão presentes essas imagens de criança feia, mal-amada, doentia, descuidada e pobre. Daí explica-se os dois últimos versos do poema: por mais que ela queira livrar-se das imagens da infância, mais elas se fazem presentes. Há uma constância obsessiva, irremediavelmente incômoda, que não se pode apagar de sua história, de sua memória, e de sua escrita.

Em entrevista concedida a Marlene Vellasco, ao referir-se à infância, comenta:

A minha vida foi uma vida de restrições, desde a primeira infância, desde a meninice, desde a adolescência, até a idade adulta. Fui restringida pela família, fui restringida, limitada pelo marido e na hora da limitação dos filhos eu vim embora para minha terra. Não quis mais limitações. Eu fui uma criatura limitada. Eu volto ao passado para explicar o presente. A volta ao passado é uma tentativa de explicar o presente e abrir um caminho para os jovens. Quem ler meus livros encontra neles um caminho aberto.²⁷

Cora Coralina atribui à sua construção poética duas funções: a de explicar o presente através do passado a que implica em revigorar cenas de sua história pessoal, através das lembranças guardadas na memória; e a de contribuir para a formação humana, propiciando através do espelhamento, não percorrer estradas sinuosas de durezas e pedras, palmilhadas por ela.

Em “Cântico primeiro de Aninha”, é exposta a árida caminhada.

*A estrada está deserta,
Vou caminhando sozinha.
Ninguém me espera no caminho.
Ninguém acende a luz.
A velha candeia de azeite
de há muito se apagou.*

*A longa noite escura...
A caminhada...
Carreando pedras,
construindo com as mãos sangrando
minha vida.*

*Deserta a longa estrada...
Mortas as mãos viris que se estendiam às minhas.
Dentro da mata bruta
Leiteando imensos vegetais.
Cavalgando o negro corcel da febre,
Desmontado para sempre.*

*Passa a falange dos mortos...
Silêncio. Os namorados dormem.
Flutuam véus roxos no espaço.
Na esquina do tempo morto
(...)
Bandeiras rotas, despedaçadas,
quebrando o mastro na luta desigual,
Sozinha, pisada. Nua. Espoliada, assexuada.
Sempre caminheira, removendo pedras.
Morro acima, Serra abaixo.
Longa procura de uma furna escura,
fugitiva a me esconder.
Escondida no meu mundo.
Longe...Longe...
Indefinido longe, nem sei onde.*

*O tardio encontro.
Passado o tempo de semear o vale,
de colher o fruto.
O desencontro,
da que veio cedo e do que veio tarde.*

*A candeia está apagada
e na noite gélida eu me vesti de cinzas.*

*Meus olhos estão cansados
Meus olhos estão cegos
Os caminhos estão fechados.²⁸*

É um poema que concentra fortes tensões, de uma vida cuja trajetória é feita de desencontros e de solidão. Na enunciação, pode ser percebido o distanciamento entre o ato enunciativo e a enunciação em si. O eu - poético parece falar de cenas, presentes e passadas, que vão desfilando diante de um olhar contemplativo ou em transe poético.

Uma vida constituída asperezas, de marcas profundas e doloridas, mostrada em imagens densas, em tons escuros, em linguagem metafórica e de tom elegíaco, o eu - poético, em tempo presente, vai descrevendo o viver como uma caminhada incessante.

Observa tudo deserto a sua volta, não há ninguém para compartilhar a escuridão de que seu caminho se faz.

Através das metáforas “pedra e sangue”, a dureza cortante de uma vida que se constrói. Simbolicamente o sangue significa uma vida se doando em favor de outra que se procura fazer surgir e, para que a realização seja concretizada, é necessário desfazer os obstáculos que se anunciam durante a busca do objetivo. Os empecilhos são as pedras que precisam ser removidas. O eu-poético submete-se à dor, pois ela faz parte do processo de estruturação da vida a ser conquistada.

A morte, na terceira estrofe do poema, apresenta-se na cena poética articulada ao impedimento. Às “mãos viris” não serão mais possíveis se enlaçarem às suas e possibilitarem a companhia, e o suavizar de uma vida a dois em íntima cumplicidade. Após nomear metonimicamente a morte do homem companheiro, descreve como ela acontece através de imagens associadas à natureza vegetal, sinônimo de grandeza e rusticidade, e a animal, representando o indomável, tudo se rompe com a morte.

A vida possibilita associações, mesmo que díspares; a morte é o rompimento e o cessar. A estrada, que estava deserta e estéril, torna-se longa.

Na quarta estrofe é nítida a influência simbolista, através do vago, do mistério e do sonho. Dando continuidade à cena anterior com a presença da morte, agora passa uma falange que contamina o espaço poético e surgem “véus roxos” flutuantes. Paira um clima de sensações ambivalentes em que o referencial e o vago se estabelecem. Pela longa estrada, a morte presentifica-se: na vida e no sonho.

Seguindo seu caminhar, o eu-poético vê seus ideais destruídos, de forma violenta e desigual: é uma luta solitária e feminina em um mundo predominantemente masculino. Impossibilitada de realizações, acentua-se seu caráter solitário. Sente-se privada daquilo que lhe dá sentido no caminhar; daí ter a sensação de estar “pisada, nua, espoliada, assexuada”. Mesmo assim a vida a impele para frente, ao contínuo prosseguir, tirando pedras, procurando refúgios e identificando diferenças temporais e o resultado de perdas.

Na escuridão noturna e fria ela “se veste de cinzas”. Simbolicamente, anuncia o que restou de uma vida “carreando pedras” e destituída de prazeres, solitária, longa e escura. Sem a luminosidade própria da juventude, a velhice se reserva do residual e dele se sustém e se permite ver o presente e o passado. Antinomicamente o “Cântico primeiro de Aninha” é também o último. Cumprida a tarefa de falar de seu passado e de seu presente tem seu rito de passagem para uma outra vida, que se inicia quando a outra se encerra: “Os caminhos se fecham”.

“O cântico de Aninha” é poema da infância pobre e o motivo propulsor de retorno ao passado; ele surge da necessidade de reviver a procura do vintém de cobre.

Vintém de Cobre...
Antigos vinténs escuros.
(De cobre preto foi batizado).
Azinhavrados

Ainda o vejo,
Ainda o sinto,
Ainda o tenho,
Na mão fechada.

Moeda triste, escura, pesada,
da minha casa,
da minha terra,

*da minha infância,
da gente pobre, daquele tempo.
(...)
“Quarenta vintém derréis...”
Dinheiro curto, escasso.
Parco. Parcimonioso.
De se guardar.
De um tempo velho.
De gente pobre.
Da minha terra.
Da minha infância.
Vintém de cobre”...
Economia. Poupança.*

*A casa pobre.
Mandrião de saias velhas
Da minha bisavó.*

*Recortados, costurados para mim.
Timão de restos de baeta.
Vida sedentária.
Orgulho e grandeza do passado.*

*Nesse tempo me criei.
Daí, este livro – vintém de Cobre,
Numa longa gestação,
Inconsciente ou não,
que vem da infância longínqua
à ancianidade presente.²⁹*

Esse poema justifica o processo de criação poética como uma necessidade de voltar ao passado, procurando algo que ficou para trás e que tinha de ser resgatado pela memória: é o vintém de cobre, moeda escura, pesada e sempre presente ao longo da vida. O eu-poético sinestesicamente ainda o vê, sente-o e tem-no dentro de uma mão fechada com medo que ele lhe escape entre os dedos. Ele é a representação da infância pobre, reafirmada em uma linguagem anafórica, permitindo uma sonorização em forma de eco que se estende do passado ao presente, e do presente ao passado. Há um processo de gradação que liga o vintém ao individual e ao meio por ordem de proximidade: família, terra e infância que, não são apenas a do eu poético, mas da gente pobre da época.

Voltando a particularidade de sua infância, ela vai mostrar a importância do vintém em meio ao processo de decadência instaurado a sua volta. O olhar vai refazendo cenas dos cômodos da casa. Percorre o passado, revisitando-o e depara-se com um cenário de pobreza maiores e menores: Começa pelos tecidos reaproveitados que cobrem os leitos e estão desbotados; na cozinha, com utensílios danificados e os restos dos restos sendo disputados por uma pobreza maior.

É um tempo antigo, de dinheiro pouco, em que tudo deveria ser economizado. As roupas dos mais velhos são refeitas para as crianças. As velhas saias, as camisas da bisavó são desfeitas e recortadas e costuradas para o eu-poético. Nessa vida de pequenos nada há um tempo vago e sedentário para voltar ao passado e reavivar a memória, o orgulho e a grandeza dele. É comparar os tempos e apontar a fatalidade a que todos estão sujeitos: hoje a fatura, o amanhã ninguém sabe: “Quarenta vintém derréis...” Tardiamente reconhece-se a necessidade de economia e poupança.

A relação entre vida e obra da poetisa, presente na malha, textual justifica-se por mais esse poema. Ao penetrar nos labirintos da memória, Cora Coralina é estimulada pelo desejo de felicidade. Diante da impossibilidade em adquirir, no plano factual, o vintém, recorre ao plano ficcional, e este o presentifica em sua mão. Ela a conserva fechada para que a felicidade de tê-lo não se perca.

Assim, volta a ser Aninha, a menina feia da ponte da Lapa, mas que tem um mundo lúdico só para ela, uma vida a se realizar que vai de encontro a outra em declínio. É o revitalizar de uma mulher que se “vestiu de cinzas”, em uma existência, cuja travessia a fez carregar pedras, a jorrar sangue e a caminhar solitariamente no escuro. Voltar ao passado é vivê-lo de uma outra forma.

Notas

-
- ¹ Tal referência consta em um recorte de jornal que compõe o S. de Col. Especiais da UFG – DB-13
- ² CORALINA, Cora. **Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais** São Paulo: Círculo do Livro, 1989. p. 183.
- ³ CORALINA, Cora. **Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha**. 6. ed. São Paulo: Global, 1997, p. 43.
- ⁴ Ibidem.
- ⁵ MARQUES, Oswaldino. **Acoplagem no espaço: críticas literárias**. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- ⁶ ELIOT, T.S. **A essência da poesia**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972. p.160
- ⁷ Cf. GLASS, William. In: HUTCHEON. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1991. p.193
- ⁸ CORALINA, Cora. **Villa Boa de Goyaz**. São Paulo: Global, 2001. p. 5.
- ⁹ CORALINA, Cora. **Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha**. 6. ed. São Paulo: Global, 1997. p. 68.
- ¹⁰ BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.202.
- ¹¹ CORALINA, Cora. **Meu Livro de Cordel**. Goiânia: Livraria e Editora cultura Goiana, 1976. p. 21.
- ¹² FERNANDES, José. **Dimensões da literatura goiana**. Goiânia: Gráfica de Goiás /CERNE, 1992. p. 183
- ¹³ CORALINA: 1989, 123.
- ¹⁴ PBGEM, p.123.
- ¹⁵ BACHELARD, Gaston. **Poética do devaneio**. 13.ed., São Paulo: Martins Fontes, 1988. p.94
- ¹⁶ CORALINA: 1989, 123.
- ¹⁷ Ibidem.
- ¹⁸ BACHELARD: 1988, 94.
- ¹⁹ Idem, p.99.
- ²⁰ Idem, p. 102.
- ²¹ CORALINA: 1989, 124.
- ²² CORALINA: 1997, 113.
- ²³ Ibidem.
- ²⁴ Ibidem.
- ²⁵ Idem, p. 116.
- ²⁶ Idem, p. 117.
- ²⁷ VELLASCO, Marlene Gomes. **A poética da reminiscência: estudos sobre Cora Coralina**. 1990. 135 p. Dissertação (Mestrado em Letras). ICHL. Departamento de Letras e Lingüística. Universidade Federal de Goiás, Goiânia., anexo.
- ²⁸ CORALINA: 1997, 47-48.
- ²⁹ Idem, pp.45-46.